



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10823 - Resumo Expandido - Trabalho - XIV ANPED SUL (2022)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 15 - Psicologia da Educação

**“PESQUISA-EXPOSIÇÃO”:** CURADORIA E CENAS DE UMA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES

Ana Paula Salvatori - UNIVILLE - UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE

Allan Henrique Gomes - UNIVILLE - UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE

Aliciene Fusca Machado Cordeiro - UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE

**“PESQUISA-EXPOSIÇÃO”:** CURADORIA E CENAS DE UMA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES

O texto que segue compõe a discussão teórico-metodológica de uma pesquisa de mestrado em andamento. Esse resumo se dedicará a apresentar o que temos chamado de “Pesquisa-Exposição”, um modo de compor e analisar os dados da pesquisa em educação. Nos emprestamos dos conceitos da museologia para o uso da palavra “Exposição”, a entendendo como uma narrativa sustentada pela escolha de elementos seguido de sua apresentação (BORDINHÃO; VALENTE; SIMÃO, 2017). A Pesquisa-Exposição será utilizada como aporte metodológico para abordar o acervo documental de um percurso formativo docente, destacando suas potencialidades, inventividades, análises e considerações para a pesquisa no campo da formação de professores.

O percurso de que se fala foi realizado com professores e professoras da educação básica da região norte de Santa Catarina nos anos de 2020 e 2021. Trata-se de um projeto integrado de ensino, pesquisa e extensão, que permanece em andamento até a presente data. O acervo documental em exposição, por sua vez, diz respeito às narrativas desse percurso realizadas pelos pesquisadores assistentes e as produções imagéticas e artísticas dos docentes participantes. Mediante o tratamento e organização desses registros, é possível afirmar a existência de um acervo composto por cerca de 600 documentos (transcrições, narrativas, imagens, gravações de áudio e vídeo e demais produções) considerando que cada professor (60 no total) participou de, em média, 10 encontros.

Para contextualizar o campo da formação de professores, em especial a formação continuada, considera-se que a discussão a respeito das tendências de formação continuada de

professores não é novidade, em especial a crítica ao modo liberal-conservador de promover espaços formativos docentes (ARAÚJO; SILVA, 2009). Em termos de Brasil, a intensiva entrada de organismos internacionais nas políticas educacionais reverberou diretamente no modo como se pensa e promove a formação continuada de professores - experiências formativas engessadas que enfatizam o desenvolvimento de *habilidades e competências* para o novo arranjo econômico e político instaurado no país desde a década de 90 (MOTA JUNIOR; MAUÉS, 2014).

É nesse cenário que se consolidou um outro prisma sobre as formações continuadas, que desloca o professor do lugar de um profissional capacitado, para o lugar de “sujeito da formação e não objeto dela” (IMBERNÓN, 2010, p. 77). Esse entendimento vai ao encontro também do que Paulo Freire (2019) problematiza com a concepção bancária de educação, pois o professor, assim como o aluno, não pode ser um recipiente a ser preenchido, um depósito de conteúdos. O entendimento bancário da educação julga que há alguém que nada sabe, na espera passiva de uma doação daquele que julga saber – e é na contramão dessa concepção que nossa discussão conceitual se localiza.

A montagem da Pesquisa-Exposição é pensada a partir de três dimensões: o da pesquisa documental, por se tratar de um acervo de documentos; do conceito de cenas, considerando que a cena “possibilita um modo de conceber uma singularidade inserida em uma rede complexa de relações” (VOIGT, 2019, p. 25); e do lugar do pesquisador enquanto curador – aquele que, mediante um aporte teórico, realiza a curadoria dos documentos em via de exposição.

A pesquisa documental é uma metodologia de produção de informações cujo objeto de estudo são os documentos. A história enquanto disciplina e método nos oferece atualmente um entendimento ampliado do conceito de documento – visto que, por muito tempo, principalmente em razão do pensamento positivista, o documento, sobretudo o oficial e essencialmente o escrito, era o “fundamento do fato histórico” (LE GOFF, 1990, p. 536). Somente a partir do movimento feito pela chamada Escola de Annales que se pôs em discussão a necessidade de ampliar a noção de documento.

A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem. [...] Numa palavra, com tudo o que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem (FEBVRE, 1949, p. 428 *apud* LE GOFF, 1990, p. 540).

A documentação de um percurso formativo docente, nesse sentido, pode vir a nos contextualizar um fenômeno (ANDRÉ, 1995) – expressões do ser e tornar-se professor em um tempo e um espaço. Todavia, o documento é apenas um rastro, uma pista da realidade. Em vista disso que nos apoiamos, em termos de análise, no que Carlo Ginzburg (1989) vai chamar de paradigma indiciário. É a partir dos indícios, oferecido pelo registro documental na investigação em questão, que se faz possível desvelar uma realidade que se encontra, por

vezes, opaca.

A ação do pesquisador, por sua vez, se coloca como indispensável à montagem da Pesquisa-Exposição, pois é a partir da curadoria documental que serão flagradas as cenas da pesquisa. O trabalho de curadoria, de acordo com segmento do campo das artes que trata das exposições, “identifica vertentes, agrupa dados, cria conexões, visando passar ao público o sentimento ou sentido provocados no encontro com a obra” (SALCEDO DEL CASTILLO, 2021, p. 75), que no contexto da pesquisa são mobilizadas principalmente pela lente teórico-conceitual do pesquisador-curador.

Por fim, o conceito de cenas caminha em uma mesma direção. O uso das “cenas da pesquisa” como um método de análise é embasado no pensamento do filósofo Jacques Rancière, aqui representado por alguns interlocutores (JÚNIOR, 2016; MARQUES, PRADO, 2018; VOIGT, 2019; GOMES, ANDRADE, MAHEIRIE, 2022). Segundo Gomes, Andrade e Maheirie (2022, p. 5-6) a cena “está ligada a um episódio (ocorrência, detalhe etc.) na pesquisa que sinaliza a existência de uma trama de relações que constituem certo plano de significação neste campo”. Ou seja, por intermédio da curadoria, faz-se ver as cenas, que ao mesmo tempo que apontam para experiências docentes singulares de cada professor participante, também trazem à luz um comum (JÚNIOR, 2016) – possibilitando visibilidades de “vozes, lugares e posições” de experiências docentes outras que escapam os documentos analisados (MARQUES; PRADO, 2018, p. 29).

Montar uma Pesquisa-Exposição, então, no contexto em questão, exige alguns movimentos que caminham em paralelo a racionalidade metodológica. Como já mencionado, o ato de montar uma exposição está diretamente relacionado ao ato de fazer escolhas, pois não só se escolhe o que se pretende “apresentar, pôr à vista ou em exibição; colocar em evidência” como define o próprio dicionário, mas também se escolhe o que ocultar. Ou seja, “expor, é também, sobretudo, propor” (BORDINHÃO; VALENTE; SIMÃO, 2017, p. 11). Pensando em termos de viabilidade de pesquisa, considerando volume de documentos que compõe o acervo e o tempo disponível para a investigação, a escolha considerou critérios metodológicos de inclusão *a priori*, mas em conjunto, aspectos que dizem respeito a uma dimensão ética e política do encontro entre pesquisador-curador e acervo documental.

O acesso ao acervo, o navegar entre os documentos, a aproximação com as narrativas dos encontros e as histórias de vidas e de formação nelas descritas, deram direção ao processo de escolha, e também de análise. No que se refere à análise documental, a mesma não acontece por si só sem a inferência daquele que pesquisa. Os documentos, além de estarem situados em um tempo e espaço específicos, também são situados em uma leitura interpretativa daquele que se propõe a analisá-los, o pesquisador (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009). É nesse sentido, novamente, que apontamos o trabalho do pesquisador-curador como substancial a essa proposta, pois sem ele, a exposição não se faz.

Ainda que se tenha a impressão de que “pesquisar consiste em seguir alguns passos

previamente delineados, em ordem sucessiva, sendo essa sequência ordenada com um grau de complexidade progressiva” (ZANELLA, 2013, p. 20-21), o processo de pesquisar nada mais é que um processo de criação, e a pesquisa, uma obra, como aponta Zanella (2013, p. 21).

Obra que reinventa a própria vida, em vez de somente explicá-la ou compreendê-la. Testemunho de um fazer ciência para o qual não há álibi: não se apresenta o discurso do método singular como seu fundamento, mas as escolhas éticas e estéticas do pesquisador que se reinventa, bem como à realidade investigada no próprio processo de pesquisa.

Por isso não se trata de comparar histórias, trajetórias e a própria participação no percurso formativo para compor a exposição, pelo contrário, trata-se desse encontro que desloca olhares, sentidos e que aponta “para os detalhes das ações; para as interações e cenários socioculturais; para o estabelecimento de relações entre microeventos e condições macrossociais” (GÓES, 2000, p. 11).

De certo modo, somos capturados por discursos encomendados que falam sobre o trabalho docente a partir de uma ótica da precariedade e da desvalorização, e “difícilmente nos damos conta dessa condição (de)limitadora de nossos olhos e olhares, de sua condição histórica e socialmente produzida” (ZANELLA, 2013, p. 25). É no encontro, portanto, com as trajetórias narradas a partir do questionamento “*Como você se tornou professor?*” que se dá um processo reflexivo não só por parte do sujeito que narra, como também por parte do pesquisador que lê, escuta e acolhe tais percursos formativos, considerando também os indícios, as cotidianidades, e não somente as ações formais, os certificados, os currículos. Paulo Freire (2001, p. 40) lamentava que, ao sermos questionados a respeito da nossa vida profissional, temos por hábito enfatizar as experiências acadêmicas e de trabalho formal, “como se a atividade profissional dos homens e das mulheres não tivesse nada que ver com suas experiências de menino, de jovem, com seus desejos, com seus sonhos, com seu bem-querer ao mundo ou com seu desamor à vida”.

Uma professora participante, ao retomar às memórias de infância, lembra de que “*era uma criança que não era uma criança, digamos assim, muito limpinha, era meio jogada, assim*” e que sua mãe, nesse sentido, “*era tida como uma mãe relapsa*”. A partir dos deslocamentos propiciados pelo o lugar de professora, a mesma reconhece que tais situações “*vem muito à tona*” e busca “*não julgar as famílias que a mãe é ausente*” pois sua mãe “*era também uma pessoa batalhando para criar os filhos, e era o que ela dava conta de fazer no momento*”. Em outro momento, dois encontros depois das reflexões feitas a respeito de sua infância, a mesma professora diz:

*Na educação infantil a gente ainda tem essa coisa de arrumar a criança para ir embora, não é uma necessidade, mas é um carinho que a gente tem, às vezes até pra família se sentir mais acolhida e a gente acaba fazendo quando dá tempo, mas é sempre com um carinho, cuidado.*

A partir dessa cena, é possível compreender que ao narrar um acontecimento próprio, singular, se coloca como possibilidade à professora a “revalorização da noção de experiência”

evidenciando “a forma pela qual o saber se forja nas situações concretas, como se constrói através da ação ou se desenvolve nos acontecimentos existenciais” (DOMINICÉ, 1990, p. 8 *apud* BUENO, 2002, p. 23). A professora ultrapassa aquilo que é ou não necessário, no contexto da educação infantil – *arrumar a criança* – pois carrega consigo as marcas de ser a *criança jogada*, filha da *mãe relapsa*. Quantas professoras ouvimos nessa voz? Quantas filhas e quantas mães ouvimos nessa voz? Zanella (2013, p. 27-28), apropriada do pensamento de Bakhtin, diz que “todo monólogo por certo continua sendo dialógico [...] pois sempre há múltiplas vozes em tensão ainda que somente uma predomine/se imponha aos ouvidos em geral”.

A Pesquisa-Exposição, diante disso, organiza-se como um modo de fazer ver e fazer ouvir “a fala daqueles que querem falar, que buscam meio de colocar a sua palavra como palavra, que buscam um outro para serem ouvidos” (JÚNIOR, 2016, p. 63-64). A exposição cria visibilidades dialógicas, trazendo à luz não só a arte da vida, como a arte da docência. Trata-se da aposta na dimensão sensível da pesquisa, que rompe fronteiras disciplinares e oportuniza o encontro entre a educação, a arte e a vida, que em seus percursos, ainda que inseridos em tempos de ênfase à técnica, à racionalidade e à competição, produzem no seu íntimo, à sua maneira, um modo de ser professor (COSTA; GONÇALVES, 2016).

**PALAVRAS-CHAVE:** Formação de Professores; Pesquisa-Exposição; Metodologia de Pesquisa.

## REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli. **Etnografia da prática escolar**. 5. ed. Campinas: Papirus, 1995.
- ARAÚJO, Clarissa Martins; SILVA, Everson Melquíades. Formação continuada de professores: tendências emergentes na década de 1990. **Educação**, Porto Alegre, v. 32, n. 3, p. 326-330, set./dez. 2009.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BORDINHÃO, Katia; VALENTE, Lúcia; SIMÃO, Maristela dos Santos. **Caminhos da memória**: para fazer uma exposição. Brasília, DF: Instituto Brasileiro de Museus, 2017.
- BUENO, Belmira Oliveira. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. **Educação e Pesquisa** [online], v. 28, n. 1, p. 11-30, 2002. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1517-97022002000100002>>. Acesso: 28/04/2022.
- COSTA, Roseli Araújo Barros; GONÇALVES, Tadeu Oliver. Histórias de vidas: A vez e a voz dos professores. **Margens**, v. 7, n. 8, p. 137-154, maio 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/2751>>. Acesso: 26/04/2022.
- FREIRE, Paulo. **Política e Educação**: ensaios. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GÓES, Maria Cecília Rafael de. A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: Uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade. **Cadernos Cedex**, v.20, n. 50, p. 9-25, abr. 2000.

GOMES, Allan Henrique; ANDRADE, Letícia de; MAHEIRIE, Kátia. Mediação Audiovisual e Educação Permanente: cenas de um percurso de formação com trabalhadoras do SUAS. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 42, 2022.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação Continuada de Professores**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

JÚNIOR, Otacílio de Oliveira. **Entre a luta, a voz e a palavra: partilhas de sentido em torno e um sarau de periferia**. 2016. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro; PRADO, Marco Aurélio Máximo. O método da igualdade em Jacques Rancière: entre a política da experiência e a poética do conhecimento. **Revista Mídia e Cotidiano**, v. 12, n. 3, dez. 2018.

MOTA JUNIOR, William Pessoa da; MAUÉS, Olgaíses Cabral. O Banco Mundial e as Políticas Educacionais Brasileiras. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 39, n. 4, p. 1137-1152, out./dez. 2014.

SALCEDO DEL CASTILLO, Sonia. **Arte de Expor: Curadoria como Expoesis**. 2. ed. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2021.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, n. 1, p. 1-15, jun. 2009.

VOIGT, André F. O conceito de “cena” na obra de Jacques Rancière: a prática do “Método da Igualdade”. **KRITERION**, Belo Horizonte, n. 142, p. 23-42, abr. 2019.

ZANELLA, Andréa. **Perguntar, Registrar, Escrever: inquietações metodológicas**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2013.